

## **CASAS E TERRITÓRIO**

Realizou-se recentemente a IV Trienal de Bolonha – Encontro sobre Arquitectura e Urbanismo, iniciativa promovida pela associação A Vision of Europe, com sede em Londres e cujo principal patrono é o príncipe de Gales.

Com o apoio de dezenas de outras instituições públicas, tais como universidades, municípios, fundações ou associações e de empresas privadas, foi possível, uma vez mais, reunir trabalhos de profissionais de todo o Mundo numa exposição de grande qualidade (tentaremos trazê-la cá) e organizar um convénio muito interessante pela diversidade e excelência das comunicações apresentadas, com temas que – desde a conservação e restauro até aos projectos de construções novas, passando pela reutilização de estruturas existentes – nos deixaram muito satisfeitos pela grande qualidade das várias propostas nos domínios da arquitectura e do urbanismo.

### **Integração no contexto**

A tónica geral é a da sustentabilidade das nossas cidades e do território. O recuperar da qualidade de vida que já tivemos em matéria de urbanismo e que temos vindo a destruir por força de soluções que contrariam a natureza humana e que são estranhas às nossas cidades, partindo-as aos «bocados» monofuncionais, esvaziando-as da sua riqueza de usos variados, criando distâncias excessivas de uns «bocados» para os outros, numa dependência cada vez maior do automóvel, poluindo cada vez mais, consumindo cada vez mais energia, gastando cada vez mais em infra-estruturas rodoviárias, etc.

E é notável verificar o que se tem feito um pouco por todo o Mundo para contrariar e corrigir essa «doença» que se abateu sobre grande parte do nosso território. E é também bom não esquecermos que se nesta revista falamos de casas, não podemos deixar de falar ou observar também o contexto em que as mesmas se inserem, seja este mais rural ou mais urbano. Até porque é desse contexto que se faz também o sucesso de umas ou se destrói a qualidade de outras.

À parte as questões estilísticas – sim, porque no referido encontro de Bolonha não há dogmas ou preconceitos de estilo como no nosso país e fala-se de arquitectura clássica (ou tradicional) com o mesmo à-vontade com que logo a seguir se fala de arquitectura minimalista ou modernista –, a generalidade dos projectos e obras apresentados tinham como denominador comum o respeito pelo contexto em que se inserem, procurando a integração nos diversos aspectos que contribuem para o «genius loci» ou espírito do lugar – a sua História, a sua tipologia, as tradições locais, a vontade das populações, etc. –, sem pretensões, modestamente, mas sem recuar também num ou noutro projecto de grande efeito sempre que tal se afigurou adequado.

### **Requalificar a cidade e o campo**

Também nos espaços de comércio tivemos oportunidade de ver como em toda a Europa se começa a reagir de forma muito veemente ao efeito devastador das grandes superfícies, com propostas para o comércio de rua muito interessantes, demonstrando-se sempre de forma «científica» as vantagens de uma solução sobre a outra, como, por exemplo, as inegáveis vantagens do comércio de rua nos aspectos de segurança das populações, do seu conforto, do regresso da vida às ruas, a animação que proporciona, tudo factores que, no seu conjunto, claramente contribuem para a requalificação não só das nossas cidades – que assim voltam a recuperar população e mistura de usos –, mas também do campo, libertando-o de ocupações empobrecedoras como grandes

superfícies, disseminação de construção desregrada (sprawl) e outros males tão característicos da «anticidade» ou do desurbanismo do século passado.

Nos poucos exemplos que aqui mostramos, pretendemos focar mais o lado «rural», se assim se poderá dizer, das propostas apresentadas, sendo de destacar a preocupação generalizada com a integração das novas construções nos contextos em que intervêm, sejam estes de extensão de núcleos já existentes (de que é magnífico exemplo New Poundbury, projectada pelo Arq<sup>o</sup> Léon Krier para terrenos da propriedade do príncipe de Gales, em Dorchester) ou de ocupações mais dispersas (como as propostas por Maurice Culot, por exemplo).

Esse fenómeno de preocupação civilizacional – ou ecológica, se quisermos – chega já a lugares tão distantes como a Guatemala, a Índia ou Israel. Não são só os países mais industrializados que se vão adiantando nestas matérias. Se bem que não deixe de ser extraordinário tomar conhecimento do que se faz no Leste da Alemanha, ou na Holanda, por exemplo, países em que se constroem novas cidades ou se requalificam totalmente outras já existentes seguindo os modelos locais, próprios da tradição urbanística europeia.

Não deixa de ser reconfortante tal verificação, até também pela esperança que nos traz de que mais tarde ou mais cedo também aqui se possam começar a mudar estas coisas. Será que ainda vamos a tempo?

José Baganha